

## Transgeracionalidade: uma herança da(na) psicanálise

José Renato Berwanger Carlan

O presente trabalho surge a partir de um caso clínico, cuja escuta me levou a pesquisar sobre a transgeracionalidade. Através da leitura de dois livros, o primeiro chamado “Fazer-se herdeiro” de Tatiana Mazzarella e o segundo “Transmissão Transgeracional e a Clínica Vincular”, de Ângela Piva e Colaboradores, pude verificar uma diversificação de teorias acerca da transgeracionalidade.

Teorias clássicas ampliam este conceito apontando diversos vértices sobre o tema. Vou citar os principais:

- Freud aborda o tema da transgeracionalidade especialmente em *Totem e Tabu* (1913); *Luto e Melancolia* (1917); *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921);

- Lacan(1949) aproxima-se desta questão quando aborda o estágio do espelho como formador do eu, contextualizado na teoria do imaginário, assim como a teoria dos significantes e a matriz simbólica, com marca na linguagem. Assim, segundo estas teorias, o sujeito se torna dependente da estrutura discursiva familiar.

- Melanie Klein afirma que a identificação ocorre pela projeção, denominada de identificação projetiva, especialmente quando o sujeito encontra-se numa fase primitiva, ou seja, numa posição esquizo-paranóide. Nesta, o eu invade o objeto e, por encontrar-se cindido, sente-se ao mesmo tempo em parte o eu e em parte o objeto.

- Winnicott, refere-se à Mãe-Ambiente, portadora da “preocupação materna primária” e de imagens próprias a cada cultura.

- A função beta e alfa e a teoria protomental se constituem em base explicativa da transgeracionalidade, para Bion. A mãe ou quem cuida do recém-nascido modula nele uma linguagem que lhe permite construir estruturas funcionais primárias, sobre as quais se constituirá sua própria modalidade de funcionar.

- Piva (2006) faz referência a Abraham e Torok (psicanalistas húngaros) e à René Kaës (Suíço que desenvolveu trabalhos na Argentina e França), que falam da transgeracionalidade a partir de um sujeito que emerge da intersubjetividade e plurisubjetividade. Nesse caso, não se trata de um sujeito do inconsciente pulsional ou daquele das relações de objeto. Sendo assim, o ponto nuclear para o objeto de estudo não é mais o sujeito, mas sim o vínculo. Assim, supõe-se a noção de uma tópica intersubjetiva onde o vínculo, com a presença do outro real e como produtor contínuo de subjetividade, configura-se como elemento central. Essa autora referencia ainda o conceito de kripta a partir de Abraham e Torok (1978), contrapondo-se ao recalçamento constitutivo e dinâmico, localizado, segundo esta autora, entre o inconsciente e o eu; uma espécie de “inconsciente artificial” instalado no próprio Ego.

Observo que se abrem vários vértices teóricos para pensar a transgeracionalidade desde Freud, Lacan, Winnicott, M Klein, Bion até os autores da psicanálise de grupo, supondo que o transgeracional corresponde a uma instância à parte da teoria e prática psicanalíticas, como mencionou Piva (2006).

Dessa diversidade de pressupostos teóricos faz-se uma tentativa de pensar uma ciência do transgeracional. Pergunto-me se a transgeracionalidade é algo fora do âmbito da psicanálise ou está implicada no próprio processo de escuta analítica?

Penso que a respeito de toda diversidade de conceitos, a transgeracionalidade converge para pontos da psicanálise. Está implicada em duas vertentes que considero as principais: *as identificações e representações em Freud e a teoria dos significantes em Lacan*. Em Lacan, não temos uma nova teoria, mas uma releitura de Freud.

Em torno da idéia de transgeracionalidade as primeiras associações estão relacionadas aos conceitos de identificação em Freud. A meu ver esses conceitos estão ligados ao processo de vínculo sujeito-objeto, onde o objeto é determinante nas identificações.

Segundo Laplanche & Pontalis (1995, p 226), a identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e se diferencia por uma série de identificações. Esse processo estaria mais próximo da visão freudiana de identificação.

Em Freud, o termo identificação, segundo Mazzarella (2006), já está presente desde os “estudos sobre a histeria (1893-1895)”.

No texto de 1913, sobre ‘Totem e Tabu’, Freud trata da transmissão de uma geração à outra: a transmissão do tabu e a transmissão da culpa: herança organizadora da sociedade e do sujeito.

Em “Introdução ao Narcisismo” (1914), Freud afirma que o indivíduo é o escravo, o beneficiário e o herdeiro de uma cadeia intersubjetiva. Seria uma transmissão pela via narcísica em que o sujeito se constitui com base no modelo parental e estão incluídos a transmissão dos desejos insatisfeitos dos pais e a realização do não realizado. Isso ocorre ao colocar a afetividade nos filhos como renascimento do narcisismo dos pais, ou seja, o eu ideal é projetado como ideal de eu nos filhos.

No texto “Psicologia de grupo e Análise do Ego” (1921) e “O Ego e o ID” (1923) Freud diz que a identificação é conhecida como a expressão mais primária de um laço afetivo. Aqui o sujeito parece marcado e determinado pela sombra do objeto e do afeto representado na identificação, situando a questão da identificação como processo de constituição e também como via de transmissão. Nesse processo o eu é definido por Freud como um precipitado de catexias objetais abandonadas e contém a história dessas escolhas de objeto.

Segundo Roudinesco (1998), Freud distingue três tipos de identificação: o estágio oral, o da incorporação do objeto segundo o modelo canibalesco; a identificação regressiva, discernível no sintoma histérico, constituindo-se da imitação não da pessoa, mas de um sintoma da pessoa amada; por fim a modalidade em que a identificação se efetua na ausência de qualquer investimento sexual:

Trata-se então do produto da capacidade ou da vontade de colocar-se numa situação idêntica à do outro ou dos outros. Esse caso de identificação produz-se, em especial, no contexto das comunidades afetivas. É essa forma de identificação que liga entre si os membros de uma coletividade. Ela é comandada pelo vínculo estabelecido entre cada indivíduo da coletividade e o condutor das massas. Esse vínculo é constituído pela instalação deste último na posição de ideal do eu por cada um dos participantes da comunidade (ROUDINESCO, 1998, p. 364-365).

Freud (1996) indagava-se: quais são os meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte? De acordo com Mazzarella (2006), Freud afirma que tanto na pessoa quanto no grupo, as impressões do passado ficam sob a forma de traços mnêmicos inconscientes, anteriormente reprimidos. Postula o conceito de

herança arcaica para dar conta daquilo que opera em nosso psiquismo sem que tenhamos tido a experiência direta, ratificando os traços de memória de gerações anteriores.

De acordo com Kaes (2001), nos textos freudianos existem alguns termos que designam a transmissão: *Die Übertragung* é empregado para designar os processos de transmissão de pensamento, de telepatia, os fenômenos de contágio e de imitação que surgem nas multidões. Também é um dos termos utilizados no debate sobre a etiologia das neuroses - A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). *Die Vererbung* designa o que se transmite por legado ou por herança. *Die Erbllichkeit* é um termo formado a partir do adjetivo *erblich* que dá conta do transmitido por legado biológico ou por sucessão jurídica. *Die Erwerbung* indica a aquisição como um resultado da transmissão. Esta idéia aparece expressa nos versos de Goethe: “O que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (Piva 2006, p 38).

A citação freudiana de Goethe: “O que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”, encontra-se também nos escritos de Mazzarela (2006, p 81) a qual refere que as **identificações** correspondem à **via régia da transgeracionalidade**. Pensar em transmissão psíquica através das gerações deve necessariamente, segundo esta autora, incluir uma reflexão acerca do processo de identificação como um dos mecanismos fundamentais da constituição psíquica.

Lacan, de acordo com Roudinesco (1998), situa a identificação no registro do imaginário. Este autor integra em sua teoria do significante os dois tipos de identificação freudiana: - a identificação primária e a identificação histérica, que tem por vetor o desejo do desejo do outro. Entra em jogo, então, não a identificação com o outro, mas com o discurso do outro.

As transmissões para Lacan podem ser entendidas a partir do imaginário, ou seja, desde o estágio do espelho, sendo inscritas a partir da linguagem e que constituirá a matriz simbólica. Trata-se de inscrições discursivas – inconscientes - que já estão aí e escapam ao sujeito falante. A primeira identificação se dará no registro imaginário, na fase do estágio do espelho onde começa a se formar a imagem unificada do corpo. Esse momento é seguido pelos três tempos do Édipo nas formas de uma identificação com o desejo da mãe seguida pela descoberta da lei do Pai e pela simbolização desta lei, o que permitirá as identificações posteriores que irão constituindo o sujeito. A saída favorável do Édipo desvincula o sujeito de sua identificação primeira, promove a identificação com o Pai, o que constitui o ideal do eu e possibilita o advento da linguagem, ou seja, o acesso ao simbólico.

Em Lacan, o que sustentaria então a transgeracionalidade seria uma transmissão através da cadeia dos significantes, da linguagem, marca da letra, das representações e não da referência do objeto em si. Nesse caso a transmissão não se sustenta a partir da identificação bruta com o objeto, mas da representação e/ou da marca a partir da sombra falada, de um significante com outro significante.

A psicanalista Maria Lúcia Araújo (2002), associa os significantes transgeracionais à transmissão simbólica:

Ao falarmos em significantes transgeracionais, referimo-nos à transmissão simbólica, ou seja, à linguagem que atravessa gerações, inserindo marcas no sujeito do inconsciente fazendo com que esse sujeito posicione-se no discurso a partir de um lugar no qual vai se relacionar com o outro. Estas marcas podem ser traumáticas ou não, ficam no imaginário da família anterior e vão se inscrevendo no psiquismo da próxima geração, são marcas que se repetem (ARAÚJO, 2002, p. 1).

Jerusalinsky (2002) propõe um entendimento sobre as identificações e a constituição do sujeito a partir da *matriz simbólica* concebida a partir de formulações e significados diferentes para cada autor.

Para Freud a matriz simbólica equivale à matriz edípica a partir da qual constitui o mito explicativo do ordenamento do desejo humano, mesmo anteriores ao Édipo, correspondendo às identificações primárias ao narcisismo primário ou às formas parciais da pulsão.

Para M. Klein, segundo Jerusalinsky, a matriz simbólica corresponde às relações de objeto, ou seja, às relações do sujeito com o objeto materno, de onde partem as identificações projetivas e as transmissões.

Já em Winnicott a matriz simbólica seria o objeto transicional, sustentado pela falta e não pelo objeto presente. Para Lacan, a matriz simbólica equivale ao objeto pequeno “a” que não é um objeto concreto, mas o fantasma da falta dele, que por faltar é chamado também “objeto causa de desejo”. Esse objeto estaria relacionado à identificação simbólica que dá origem ao sujeito do inconsciente e tem a ver com os significantes, traços que marcam a história do sujeito. Convém notar que o simbólico já está, de algum modo, presente na identificação imaginária pois embora a criança não fale, já está inserida na linguagem: o enigma já está formulado desde antes dela nascer biologicamente. (Jerusalinsky, 2001, p 17).

As teorias referidas acima, desde as que sustentam o princípio das identificações até as que priorizam as questões da linguagem, são complementares, não se anulam e não nos possibilitam pensá-las separadamente. Este princípio se aplica à indissociabilidade entre os registros real, simbólico e imaginário, como também a estreita relação entre a manifestação de um sintoma e a ocultação de um sofrimento psíquico.

Ao mesmo tempo que escrevia e pesquisava sobre este tema, pensava porque estava fazendo questão de saber sobre a transgeracionalidade, momento em que também me deparava com teorias diferentes e inconclusas.

Os estudos desenvolvidos nos seminários possibilitaram dúvidas e o levantamento de algumas questões. Como a transgeracionalidade pode ser entendida em Lacan e Freud? O que vem antes: o sujeito ou a palavra? Embora justifique escrever sobre este tema a partir de indagações sobre casos da clínica e mesmo sobre a teoria, sinto que o assunto é interminável e a busca de respostas nos casos clínicos, nas pesquisas, no desenvolvimento das teorias, está inscrita e imbricada na minha própria busca, na busca do outro e na busca da história de cada autor. Na psicanálise buscamos a nossa origem, a nossa filiação e ao mesmo tempo um fazer-se herdeiro. Talvez por isso uma análise pareça interminável, assim como interminável é uma psicanálise, uma geração em busca de um sentido para a origem, para a falta e os não ditos.

## Referências

ARAÚJO, Maria Lucia. O discurso dos pais na clínica psicanalítica com crianças: significantes transgeracionais em questão. Artigo da Coleção LEPSI IP/FE-An 3- Instituto de psicologia da USP 2002 (On-line ISBN 85-86736-06-6)

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. P. 85-119.

FREUD, S. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 23. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996. P.13-161.

FREUD, S. O ego e o id (1921). In: \_\_\_\_\_. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. P. 13-83.

FREUD, S. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 18. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1990. P. 89-179.

FREUD, S. (1913). Totem e Tabu. In: \_\_\_\_\_. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13. Rio de Janeiro: Ed. Imago.

JERUSALINSKY, Alfredo. Seminário II. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, 2002.

JERUSALINSKY, Alfredo. Seminário I. São Paulo: USP, Instituto de Psicologia, 2001  
KAËS, René. et al. Transmissão da vida psíquica entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MAZZARELLA, Tatiana. Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações/ Tatiana Inglez-Mazzarella. São Paulo: Escuta, 2006.

PIVA, Angela (Org.). Transmissão transgeracional e a clínica vincular. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944-Dicionário de psicanálise / Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.